

Feira da Luz 2024 – Cerimónia de Abertura

Discurso: Joaquim Manuel Capoulas – Presidente da APORMOR

Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Dr. Olímpio Galvão, Senhores Vereadores, caros convidados e todos os presentes.

Quero começar por agradecer ao Senhor Presidente da Câmara, o convite que fez à Apormor para participar, mais uma vez, nesta cerimónia de inauguração da Feira da Luz de 2024.

O nosso agradecimento também pelo aumento do apoio financeiro da Câmara Municipal para a Expomor, que ajuda a suportar o enorme esforço, também financeiro, que a Apormor está a fazer, ano após ano, para afirmar a nossa região como a mais importante no panorama nacional, no que à pecuária extensiva diz respeito.

Território, ambiente, biodiversidade, economia, agricultura, alimentos, são temas que nos devem preocupar a todos.

A Apormor é uma organização que pretende fazer a ponte entre o Campo e a Cidade, entre o Rural e o Urbano.

Quando o Campo está em sofrimento, como tem acontecido nos últimos longos anos, no futuro seremos todos a sofrer as consequências. A ocupação e a defesa do território, o ambiente, a biodiversidade, a produção de alimentos, poderão deixar de estar assegurados.

Em devido tempo, na Apormor chamámos a atenção para a necessidade de nos preocuparmos com a soberania alimentar (tema único do colóquio na Feira de Maio de 2022) e com o ordenamento do território (colóquio na Expomor 2023). É uma responsabilidade de cada geração não hipotecar a qualidade dos nossos solos e dos nossos ecossistemas rurais, como é o caso do Montado. O que temos à disposição não é só pertença da atual geração, é também dos que nos antecederam e, ainda mais importante, dos que virão a seguir a nós.

Temos assistido nos últimos anos, principalmente em todo o Alentejo, a uma redução acentuada dos efetivos das espécies pecuárias do pastoreio extensivo, motivadas, principalmente, por:

1 – Substituição na utilização, de vastas áreas de pastoreio e de produção cerealífera, por culturas permanentes de regadio de muito maior rentabilidade, pelo menos no imediato;

2 – A PAC (Política Agrícola Comum) que entrou em vigor em 2023, muito influenciada por radicalismos ambientalistas que fizeram da produção pecuária um dos alvos principais, baixou muito os apoios à produção pecuária do extensivo, o que aliado à baixa rentabilidade das vendas, constituiu um forte desincentivo à atividade;

3 – Dois anos consecutivos de seca extrema, que obrigaram os agricultores a vender uma parte dos efetivos, para conseguirem alimentar os restantes animais;

4 – A pouca importância dada às atividades económicas e às populações do Mundo Rural pelos últimos governos, certamente por representarem muito poucos votos. Recordar que o nosso Alentejo, um terço em área do território, elege 8 deputados num total de 230. No anterior governo a Ministra da Agricultura, sem competências conhecidas na área, ocupava o 16º lugar, o último na hierarquia do governo e assistiu-se a um contínuo desmembramento das estruturas do Ministério da Agricultura, que culminou com a absurda integração das Direções Regionais de Agricultura e Pescas na estrutura das CCDRs. As Direções Regionais de Agricultura são estruturas essencialmente técnicas de apoio e controlo, inclusive dos apoios da PAC, enquanto as CCDRs são órgãos, essencialmente, políticos, com composição e linhas de orientação política que podem variar de acordo com os resultados eleitorais. No atual governo a Agricultura subiu um único lugar na hierarquia, passando de último para penúltimo, o que também não abona muito em relação à relevância que lhe é dada.

É fundamental a existência de um Ministério da Agricultura com peso político dentro do governo, qualquer que ele seja. A segurança alimentar é uma das condições essenciais de soberania.

Por estas razões, era com alguma preocupação que na Apormor encarávamos a possibilidade de não conseguirmos repetir na Expomor/2024 os êxitos sucessivos dos últimos anos. Mas, a Expomor tornou-se no evento mais importante do país no que à pecuária extensiva diz respeito e os diversos criadores de genética não quiseram, mais uma vez, deixar de estar presentes em Montemor. A concentração dos melhores animais existentes em Portugal nos dias da Feira em Montemor proporciona visibilidade e oportunidade de negócios, principalmente através dos leilões de machos e fêmeas e dos concursos das espécies bovina e ovina, com júris, maioritariamente, de origem estrangeira.

O desequilíbrio em Portugal da balança alimentar aumentou em 2023, quando o défice (exceto bebidas) atingiu 5 512 milhões de euros, mais 315 milhões face ao ano anterior (dados do INE). Na redução da produção nacional foi o setor das carnes a representar o maior contributo (1 362 milhões de euros) para o défice da balança alimentar, superando o dos cereais, outro setor a merecer atenção urgente.

Tem aumentado o consumo de carnes (dados do INE), particularmente aves e também bovinos, contrariando o que alguns pretendem.

Na carne de bovino, só produzimos pouco mais de 35% do que consumimos. Mas uma grande parte dos 32 500 animais apresentados, anualmente, nos leilões da Apormor acabam por ser vendidos para Espanha, o que faz aumentar ainda mais a dependência das importações, principalmente da América do Sul, com condições de produção que não cumprem com as exigências a que somos obrigados na União Europeia, nomeadamente quanto ao bem estar animal, ao estatuto sanitário, às condições de

transporte, para já não falar na emissão para a atmosfera dos gases da queima das muitas toneladas de combustíveis fósseis do transporte marítimo.

Apesar do aumento da população na EU, como resultado das políticas seguidas, tem-se assistido a um decréscimo dos efetivos das espécies animais na União Europeia (período 2013-2024) em:

Bovinos: -5%

Suíños: -6%

Ovinos: -9%

Caprinos: -15%

Com a diminuição da produção e o aumento do consumo na União Europeia, o défice da balança alimentar aumenta e a soberania alimentar do país e da Europa corre sérios riscos, agravados com as previsíveis consequências dos conflitos a nível mundial.

O que podemos fazer no nosso concelho? Trabalhar, aproveitando os recursos naturais, para contribuímos para uma menor dependência externa do agroalimentar. Noutro patamar não deixar cair o projeto SMEA e produzir alimentos com a marca Montemor é um desafio. Com a intenção de contribuir com uma ajuda significativa na parte das carnes, a Apormor adquiriu uma pequena propriedade junto aos Foros de Vale Figueira, onde, passo a passo, se vão construindo as infraestruturas necessárias ao acabamento de animais de produção. Para já, acabámos de construir um pavilhão com 900 m². Vamos juntando vontades!

Em 2023 e também já em 2024, assistimos a um grito de revolta vindo dos Homens e Mulheres do Campo por, nas políticas europeias e nacionais, se verem desvalorizados e parecerem, em muitas das decisões e legislações produzidas em gabinete ou nos parlamentos, até como dispensáveis, se não mesmo como prejudiciais à conservação da natureza e ao equilíbrio dos ecossistemas rurais. Quando são os Homens e Mulheres do Campo os verdadeiros ambientalistas, aqueles que, ao longo dos séculos, ocupam, cuidam e defendem o território, produzem alimentos para todos e que, com a ajuda dos animais de criação, controlam o excesso de vegetação que constitui fonte de alimentação dos incêndios. Sem a renovação urgente das populações rurais, que só é possível se se tornar atrativa e economicamente sustentável a vida no interior do território, a desertificação avançará, os equilíbrios na natureza, tanto na fauna como na flora, desaparecerão, as infestantes tornar-se-ão dominantes, na fauna selvagem os predadores do topo da cadeia alimentar não terão pena das outras espécies, que irão desaparecendo, até o mesmo lhes acontecer, quando já não tiverem do que se alimentar. Os incêndios tomarão conta do resto.

A Apormor começou por ser, à data da sua criação em Julho de 1990, uma associação de produtores de ovinos, que um ano mais tarde se alargou aos bovinos e aos caprinos. Assim se manteve até Dezembro de 2019, altura em que entendeu alargar o seu âmbito de atuação a todas as atividades do mundo rural, económicas e não só, por entendermos

que as soluções para os desafios que se colocam ao interior do país e ao nosso concelho, têm que ser encontradas fora das lutas partidárias, antes num diálogo com todos os intervenientes nas decisões e, também, com a ajuda da ciência não sujeita a preconceitos de qualquer tipo.

Um dos temas mais importantes a debater será o do ordenamento do território, de que o Estado se demitiu. E aqui não deveria haver sujeição a interesses económicos ou ambientalistas de ocasião, pois a preservação dos ecossistemas e as características e qualidade dos solos são do interesse nacional, no presente e no futuro. Aliás, na Apormor durante a feira de 2023, já realizámos um colóquio de lançamento do tema no concelho de Montemor. O aproveitamento da energia solar é muito importante, tanto do ponto de vista ambiental como económico, mas isso não deve ser com a utilização de terrenos com boa aptidão agrícola, só porque aí a instalação é mais fácil e mais barata. E é conveniente perceber que a exploração das energias renováveis gera grandes negócios, produtores de enormes receitas, constituindo lobys poderosos que permitem ultrapassar muitos obstáculos.

É chocante para muitos de nós olharmos para terrenos, outrora de cultivo ou de pastoreio, agora ocupados, em largas dezenas ou centenas de hectares, por centrais fotovoltaicas, que daqui a 15-20 anos estarão obsoletas e a necessitarem de ser substituídas, com a consequente produção de enorme quantidade de resíduos de difícil e dispendioso tratamento.

E, para alguns, o alvo a abater, continuam a ser as nossas pobres vaquinhas, ovelhinhas e cabrinhas que muito contribuem, nas quantidades adequadas a cada área de pastoreio, para a limpeza do excesso de vegetação, para a fertilização do solo e para a criação de riqueza, de que todos podemos beneficiar. Riqueza que não se cria é distribuição que não se pode fazer.

Na Apormor não desistimos de procurar os consensos necessários para atingir o objetivo de melhor cuidar do espaço rural, o que só pode ser alcançado com a colaboração de todos, a começar pelo envolvimento, determinante do nosso poder local, Câmara Municipal e Juntas de Freguesia. E com a presença obrigatória de pessoas, em permanência no campo.

Sem sustentabilidade económica que permita uma vida digna, as pessoas, principalmente as novas gerações, abandonam o território rural. E os campos voltarão aos matagais que antecederam o ecossistema Montado, predominante na nossa região. Convém lembrar que o Montado foi uma criação do homem, com o objetivo de criar condições para conseguir ter meios de subsistência no interior do território.

As atuais gerações têm o dever de tudo fazer para que este ecossistema único no mundo que, praticamente só existe no Alentejo e na Extremadura e Andaluzia da nossa vizinha Espanha, seja passado às novas gerações, pelo menos, em tão bom estado como aquele que nos foi transmitido. Para isso, temos de cuidar das condições necessárias à sua conservação do ponto de vista ambiental, da preservação do solo, das espécies arbóreas e da biodiversidade no subcoberto. Para isso é fundamental a presença no pastoreio de

animais herbívoros que consumam o excesso de vegetação que depois é devolvida ao solo sob a forma de fertilizante orgânico. Se assim não for, terão de ser máquinas a fazer o trabalho, consumindo combustíveis poluentes e degradando o solo.

O Montado sempre o vimos definido, como um ecossistema natural, moldado pelo homem, onde para além da floresta de sobreiros e azinheiras, é obrigatória a presença de animais de criação em pastoreio. Não se pode querer fazer do Montado uma outra coisa em gabinete, sem ouvir os que, efetivamente, têm cuidado dele. Isso levaria, inevitavelmente, à sua degradação e ao seu fim.

Do ponto de vista económico é fundamental a criação das espécies que melhor se adaptam ao sistema forrageiro extensivo de sequeiro. O nosso concelho, o sétimo em dimensão no nosso país, é conhecido por ter das melhores pastagens, razão pela qual tem os maiores efetivos das espécies bovina e ovina. Estas condições naturais, aliadas ao empenho e paixão dos montemorenses, fizeram da Apormor uma referência do setor a nível nacional, sendo os preços que se praticam nos nossos leilões uma verdadeira bolsa que condiciona os mercados.

A mostra que voltamos a ter na Expomor, que integra a nossa Feira da Luz, é disto um espelho. Temos aqui os melhores animais das espécies do sistema agro-silvo-pastoril. De todo o país, sem nada em troca a não ser o palco que têm à disposição para promoverem os seus produtos, afluíram a Montemor os melhores criadores com os seus melhores animais, porque sabem que é a feira mais importante do país no que à pecuária extensiva diz respeito.

Todos os dias vamos ter concursos de animais, com júris nacionais e estrangeiros. No dia 31 vamos ter vários leilões de reprodutores. Também no mesmo dia, na parte da manhã, iremos realizar um colóquio, com a participação de ilustres oradores, onde iremos debater vários temas, desde a floresta e a conservação da natureza até à produção e sanidade animal.

Como não nos cansamos de reafirmar, decisões de secretaria sem envolver os que, diariamente estão no terreno, não resultam e só levam ao desperdício de tempo e recursos.

Montemor, as suas gentes, dos meios rural e urbano, podem contar com a Apormor para ajudar no crescimento económico, ambientalmente equilibrado e socialmente mais justo.

Antes, já amanhã, dia 29, vamos, novamente, receber os mais jovens para lhes mostrarmos o que é a vida no campo á luz de quem lá vive, o modo como as gerações que vieram antes de nós se organizaram para ali conseguirem viver e, mais tarde, começarem a produzir alimentos para a população crescente que vive nos centros urbanos. Sem jovens que se sintam motivados para fazer vida ocupando o território, não haverá futuro.

Ontem foi partilhado inúmeras vezes nas redes sociais um vídeo, penso que do João Parreira, onde se via a passear neste espaço, mais dedicado ao entretenimento, uma

novilha de nome TALISMÃ, que veio do Escoural à Feira da Luz. Muitos se interrogaram sobre a razão da sua presença neste espaço quando o que lhe estava destinado era o da EXPOMOR. Sobre as possíveis razões, deixo algumas pistas:

1º - A TALISMÃ quis verificar se neste espaço estava tudo pronto para a inauguração;

2º - Saltou a vedação também para mostrar o novo adereço que trazia ao pescoço, um lindo chocalho das Alcáçovas, exemplo das tradições e da cultura e, já agora, da economia da nossa região;

3º - Também quis mostrar que o espaço da Expomor já é curto para tanta procura;

4º - Agora mais a sério, quis mostrar que os bovinos não são o problema que alguns entendem que são. Antes, são parte da solução da ocupação e do ordenamento do território rural, do melhoramento dos solos com o aumento da matéria orgânica e, conseqüentemente, da fertilização orgânica e anulação do uso dos adubos químicos. E, muito importante, do consumo do combustível que alimenta os fogos rurais.

Depois de concluído o seu trabalho, incluindo a vistoria da segurança de um carrossel, a TALISMÃ, voltou, muito calmamente, ao seu espaço.

A TALISMÃ com o seu nome, talvez esteja a servir de talismã a uma nova era para o Mundo Rural e para as suas gentes, onde é imperativo substituir o caminho do abandono por uma nova esperança de sustentabilidade que motive as novas gerações a continuarem o trabalho dos nossos antepassados.

Por fim, deixo um agradecimento muito especial:

Aos funcionários da Câmara Municipal, inexcusáveis na colaboração com a Apormor.

Aos funcionários, permanentes e eventuais, da Apormor pela sua dedicação e empenho.

A ambas as equipas, da Câmara e da Apormor, o nosso agradecimento pelo empenho e profissionalismo.

Sem vós seria impossível pôr de pé este enorme certame.

VAMOS CONTINUAR A TUDO FAZER PARA QUE A NOSSA FEIRA DA LUZ SEJA A MAIS IMPORTANTE FEIRA DO ALENTEJO E UMA REFERÊNCIA A NÍVEL NACIONAL.

UMA BOA FEIRA DA LUZ A TODOS E MONTEMOR SEMPRE.

MUITO OBRIGADO